

O Serviço de Revisão de Provas Tipográficas

FRANCISCO WLASEK FILHO

Técnico de Artes Gráficas do Departamento
de Imprensa Nacional

O presente trabalho já foi anteriormente objeto de cogitação nessas páginas, suscitando até, pelo realce do assunto e profundo interêsse despertado, motivo para que dêle fizesse o Serviço de Documentação do D.A.S.P. uma publicação em separado, a qual prontamente se esgotou.

Vimos recebendo farta quantidade de pedidos da referida separata, e, na impossibilidade de atendê-los, optamos pelo alvitre de nova publicação do artigo do Sr. FRANCISCO WLASEK FILHO, Técnico de Artes Gráficas do Departamento de Imprensa Nacional. No que pêsse o constrangimento da repetição de matéria já por nós divulgada, fazemo-lo, entretanto, no mero intuito de bem servir a nossos leitores.

O tema versado dispensa outros comentários em virtude de sua permanente oportunidade — (NOTA DA REDAÇÃO).

* * *

SUMÁRIO: A revisão em diversos estabelecimentos gráficos. — Uma pequena digressão. — Um serviço indispensável em qualquer tipografia. — Condições que deve satisfazer. — Rotina do serviço de revisão.

HÁ um serviço, na esfera das artes gráficas — o de revisão de provas — que, justamente por sua natureza meticulosa e ingrata, deve merecer a maior consideração da parte dos dirigentes de qualquer empresa que tenha por finalidade a exploração daquele ramo de indústria.

Nas pequenas tipografias, decalcadas nos velhos padrões oficinais, ainda se observa o vêzo de confiar aos autores ou clientes a revisão das provas das suas encomendas.

Fazem-no geralmente êsses estabelecimentos com o duplo objetivo de diminuir uma parcela na coluna das despesas e se desobrigarem de um encargo técnico difícil que por isso mesmo

☐ ABRIR.	Ⓢ CAIXA ALTA (letra maiúscula).	Ⓒ CÍCERO (medida tipográfica correspondente a 4,5 mm).
☐ FECHAR.	Ⓣ CAIXA BAIXA (letra minúscula).	Ⓟ PONTO (medida tipográfica correspondente a 1/12 do cícero)
∩ DESCER.	☐ UM QUADRATIM DE ESPAÇO.	Ⓡ TIPO REDONDO (a letra de fôrma mais comum em tipografia)
∪ SUBIR.	☐ DOIS QUADRATINS DE ESPAÇO.	Ⓢ TIPO GRIFO ou ITALICO (letra de fôrma inclinada)
∅ RETIRAR.	ⓐ TROCAR (a letra ou o sinal circulado).	Ⓡ TIPO NEGRITO ou NORMANDINHO (letra de fôrma de traços mais grossos que o comum dos tipos e usada para destacar partes do texto ou títulos).
⊕ SEPARAR.	Ⓡ TRANSPOR (palavras).	Ⓡ TIPO VERSAL ou CAIXA ALTA (letras maiúsculas do tipo).
∪ UNIR.	Ⓡ TRANSPOR (linhas).	Ⓡ TIPO VERSALETE (letra maiúscula menor que o versal do tipo).
↪ RECORRER.	∴ LETRA OU NÚMERO ELEVADO ou SUPERIOR.	Ⓡ QUADRATIM (quadrado correspondente ao corpo do tipo).
≡ ALINHAR.	∴ LETRA OU NÚMERO ABAIXADO ou INFERIOR.	Ⓡ QUADRATINS (dois ou mais quadratins).
☐ CENTRAR.	Ⓡ ESPAÇO FINO.	
✂ CORTAR.	∴ ABRIR ASPAS.	
⊙ VIRAR.	∴ FECHAR ASPAS.	
∴ APÓSTROFO	Ⓢ CORPO OITO (tamanho do tipo em que deve ser composta a palavra ou o trecho circulado).	

lhes deveria caber. Mas quase sempre — são raras, e não podiam deixar de ser, as exceções — sacrificam a qualidade da própria produção.

A Racionalização Tipográfica

Os excelentes resultados obtidos com a racionalização tipográfica nos jornais oficiais, ao todo em número de seis, levaram-nos a propor e a obter a extensão da usado providência a outras publicações também oficiais, editadas pela Imprensa Nacional ou nela impressas, e agora já são em número de quarenta as publicações nessas condições que estão vindo a lume com as modificações introduzidas, e realizando para os cofres públicos mais uma economia anual de cerca de Cr\$ 2.000.000,00 (dois milhões de cruzeiros) Mas há ainda muito feito por nos fazer, atendendo-se a que, no momento tocante às publicações periódicas de que estamos tratando, as quais vão além de duzentas, somente portanto 20% delas tiveram a sua estrutura tipográfica racionalizada.

Há, além disso, um número maior muito de publicações não periódicas que também podem ser racionalizadas pelo mesmo processo, e todas com reais de impressão e outros materiais indispensáveis à REALIZAÇÃO de qualquer trabalho.

Essas economias, aliás, não se traduzem unicamente em termos de papel vantagens, principalmente no que se refere às economias previstas. lho tipográfico, mas, do mesmo modo, em maquinaria e seu desgaste e, o que ainda é mais importante, em mão de obra.

De fato, se uma publicação que costumava aparecer com trezentas páginas passar a apresentar-se com cento e cinquenta e um conteúdo equivalente ao que até então vinha trazendo, a economia realizada não será por certo tão somente, de papel, por isso que é preciso levar em conta que a sua impressão é acabamento demandaram apenas a metade do pessoal que vinha sendo utilizado, a outra metade devendo ter sido empregada na confecção de outros trabalhos, — mas ainda na economia representada pelo não aproveitamento desta última metade na referida publicação.

Ilustrando estas afirmações, damos aqui o fac-símile de uma página dos Anais do Ministério da Educação e Saúde antes das modificações e outra fazendo a mesma matéria, já nos novos moldes, onde se patenteia a economia feita.

A RACIONALIZAÇÃO TIPOGRÁFICA

Os excelentes resultados obtidos com a racionalização tipográfica nos jornais oficiais, ao todo em número de seis, levaram-nos a propor e a obter a extensão da mesma providência a outras publicações também oficiais, editadas pela IMPRENSA NACIONAL ou nela impressas, e agora já são em número de quarenta as publicações nessas condições que estão vindo a lume com as modificações introduzidas, e realizando para os cofres públicos mais uma economia anual de cerca de Cr\$ 2.000.000,00 (dois milhões de cruzeiros).

Mas há ainda muito por fazer, atendendo-se a que, no tocante às publicações periódicas de que estamos tratando, as quais vão além de duzentas, somente portanto 20% delas tiveram a sua estrutura tipográfica racionalizada.

Há, além disso, um número muito maior de publicações não periódicas que também podem ser racionalizadas pelo mesmo processo, e todas com reais vantagens, principalmente no que se refere às economias previstas.

Essas economias, aliás, não se traduzem unicamente em termos de papel de impressão e outros materiais indispensáveis à realização de qualquer trabalho tipográfico, mas, do mesmo modo, em maquinaria e seu desgaste e, o que ainda é mais importante, em mão de obra.

De fato, se uma publicação que costumava aparecer com trezentas páginas passar a apresentar-se com cento e cinqüenta e um conteúdo equivalente ao que até então vinha trazendo, a economia realizada não será por certo tão-somente de papel, por isso que é preciso levar em conta que a sua impressão e acabamento demandaram apenas a metade do pessoal que vinha sendo utilizado, a outra metade devendo ter sido empregada na confecção de outros trabalhos, — mas ainda na economia representada pelo não aproveitamento desta última metade na referida publicação. Ilustrando estas afirmações, damos aqui o *fac-simile* de uma página dos "Anais do Ministério da Educação e Saúde", antes das modificações, e outra contendo a mesma matéria, já nos novos moldes, onde se patenteia a economia feita.

Nas empresas mais modernas, porém, e já não falamos das organizadas de acordo com os últimos conselhos da prática, esse uso quase que vai sendo inteiramente proscrito, por prejudicial, tanto material como moralmente, aos seus próprios interesses, uma vez que um trabalho revisto sem a perfeita observância dos preceitos da arte tipográfica não pode recomendar a eficiência de nenhuma oficina.

Bem pensado, um serviço de revisão organizado de maneira a satisfazer plenamente não sai mais caro para o industrial do que o de qualquer outro setor gráfico. Ao contrário, sai até muito mais barato, entre diversas razões, porque não comporta instalações dispendiosas como as de maquinaria, e desembaraça as composições assim que prontas.

Acontece às vezes, é certo, que, diante da contingência de terem que apresentar preços mínimos — no caso de uma concorrência pública, por exemplo — alguns estabelecimentos, levados por motivos prementes, vêm-se forçados a transigir e confiam determinados serviços, entre eles o de revisão, a indivíduos com

pouca ou nenhuma capacidade nem experiência, desvalorizando assim, talvez sem prever conseqüências, o seu próprio trabalho.

Mas há ainda proprietários de tipografias, êstes felizmente muito mais raros, que, parece, em vez de darem tanta importância à qualidade dos seus serviços quanto aos lucros que auferem, só com êstes se preocupam, descurando lamentavelmente aquêles. Tais industriais, porém, ou não são gráficos, ou, se o são, nunca tiveram vocação para a arte. Retratam — permita-nos o leitor esta pequena digressão — retratam um daqueles professôres de canto da conhecida historieta que passamos a recordar.

Estabeleceram-se certa vez, numa cidade, dois professôres de canto. Um dêles tinha verdadeiro gôsto pela arte; o outro não passava de mero negociante. Para ingressar em ambas as escolas, tinha o candidato que vocalizar: perfeitamente na do primeiro; de qualquer jeito na do último. Êste, além disso, elogiava tôdas as vozes e a todos prometia o sucesso de uma Patti ou de um Caruso; aquêle, quando via que o candidato não tinha possibilidades, dizia-o francamente, desiludindo-o de uma vez. Em conseqüência dessa diversidade de processos, a escola de um regurgitava de alunos e a do outro pouco faltou para fechar as portas. Assim, porém, que se tornou conhecida a correção do primeiro e a falta de escrúpulo do último, foi o contrário que aconteceu, acabando êste por ter que ir cuidar de outro negócio.

Esta a historieta, cuja moralidade nos dispensamos de comentar, por isso que é sômente sôbre os sólidos alicerces da probidade profissional que se pode construir o edificio duradouro de uma indústria.

Assim, voltando de nossa pequena digressão, e retomando o curso dos pensamentos que norteiam estas despreziosas linhas, devemos dizer que julgamos indispensável, numa empresa gráfica digna dêste nome, um serviço de revisão à sua altura.

Por serviço de revisão nessas condições, entendemos aquêle que satisfaça inteiramente os seguintes itens:

- a) local apropriado;
- b) material adequado;
- c) pessoal capaz, e
- d) remuneração justa.

Quanto ao primeiro item, *local apropriado*, deve o mesmo ser suficientemente amplo para que a leitura de uma mesa (composta de um revisor e um conferente) não perturbe a leitura de outra. Caso o espaço seja exíguo, convém intercalar uma separação entre uma e outra mesa, conforme ocorre no Government Printing Office, em Washington (o Departamento de Imprensa dos Esta-

dos Unidos da América do Norte), de cuja revisão ora reproduzimos uma parte. Além disso, deve ainda o mesmo dispor de boa luz e ser ventilado e silencioso.



Parte da sala de revisão do Departamento de Imprensa Nacional, no Rio de Janeiro



Parte da sala de revisão do Government Printing Office, em Washington

Com referência ao segundo item, *material adequado*, é mister que este corresponda pelo menos às mais comezinhas exigências de comodidade e higiene. Devem também considerar-se incluídas neste item as obras de consulta: gramáticas e dicionários não só da língua vernácula, como das mais difundidas (francês, inglês, espanhol, italiano, alemão e latim), e obras outras: livros, folhetos, revistas, jornais, etc., que, pela sua feitura, possam ser consideradas padrões das artes gráficas.

A respeito do terceiro item, *pessoal capaz*, é indispensável que os revisores sejam donos não só de uma cultura tão vasta quanto variada, como igualmente de bastante tirocínio profissional e gosto literário; que não se limitem apenas a corrigir descuidos ortográficos e tipográficos, mas falhas de memória, citações defeituosas, os lapsos da escrita e a pontuação inexata: numa palavra, os erros de toda espécie que escapam aos autores; que possam, enfim, desobrigar-se perfeitamente das suas funções, legitimando as justas e elogiosas referências que sempre mereceram dos mais célebres escritores e gráficos de todos os tempos, entre os quais Firmin Didot, o criador dos caracteres do mesmo nome, e Victor Hugo, para quem eram modestos sábios, tão hábeis em polir as penas do gênio.

Com relação ao quarto item, *remuneração justa*, é indispensável que os serviços dos revisores sejam condignamente retribuídos. O contrário é submetê-los a um regime de excesso de trabalho e, por conseguinte, de estafa permanente, caso em que a sua produção não pode deixar de ser afetada quer na qualidade, quer na quantidade, com real prejuízo para as emprêsas e os autores ou clientes. Oferecer-lhes remuneração abaixo do seu merecimento é, ainda, o mesmo que desanimar vocações, combater estímulos, desservir as próprias artes gráficas. Não há dúvida, portanto, que os revisores — de quem Pierre Larousse dizia que eram os seus mais queridos auxiliares — merecem remuneração justa, em vista da natureza do trabalho minucioso e paciente que executam, todo êle feito de atenção e cuidados.

A fim de dar idéia dêsse trabalho, assim como da responsabilidade que envolve, enumeramos a seguir os principais pontos de rotina do serviço de revisão tanto de livros como de jornais, o primeiro podendo exigir muito do profissional, porque levado a efeito sem caráter de urgência e durante o dia; o último não o devendo fazer, porque quase sempre realizado com caráter de urgência e durante a noite.

Essa, aliás, a razão que explica por que são encontrados mais "gatos" (uma palavra por outra) e "pastéis" (uma letra por outra) nos jornais do que nos livros.

Revisão de livros:

- a) verificação das retrancas e da numeração das laudas do original e 1^{as} provas;
- b) confronto dos parágrafos do original com os das 1^{as} provas;
- c) revisão das 1^{as} provas ou provas de paquê com conferência (leitura das provas feitas por um revisor e acompanhada por outro);

- d) verificação das retrancas e da numeração das 1^{as} provas e da numeração e cabeças das 2^{as} provas, ou provas de página;
- e) verificação da uniformidade e seqüência dos capítulos, títulos, claros e notas;
- f) decalque das 2^{as} provas;
- g) releitura das 2^{as} provas;
- h) revisão das páginas de rosto (falso-título, frontispício, etc.), do índice e da etiquêta e numeração dos cadernos;
- i) decalque das 3^{as} provas;
- j) verificação do encadeamento do texto, isto é, se o assunto da última linha de uma página continua na primeira linha da página seguinte;
- k) decalque das 4^{as} provas, ou provas de máquina, e verificação da sua colocação nos cadernos.

Revisão de jornais:

- a) confronto da retranca do original com a das 1^{as} provas;
- b) revisão das 1^{as} provas com conferência;
- c) decalque das 2^{as} provas;
- d) decalque das 3^{as} provas, ou provas de página, verificação do cabeçalho e cabeças;
- e) decalque das 4^{as} provas ou provas de máquina, e verificação da numeração das páginas.

Do enunciado das normas acima, ressalta claramente que a simples inobservância de um de seus pontos pode importar em dano para a matéria, o qual pode traduzir-se tanto por um simples "pastel" como até pelo truncamento do texto.

Não é de admirar, portanto — à vista do exposto — figurem no livro de ouro desta profissão nomes como os de Erasmo, Oecolampade, Servet, Proudhon e tantos outros, que foram revisores antes de produzirem as obras-primas com que, a seguir, deveriam enriquecer a literatura e a ciência.